Primeira Leitura
www.primeiraleitura.com.br
POLÍTICA TUDO QUE A GENTE DISSER PODERÁ SER
QUEM SOMOS OS INTERNAUTAS
FALE CONOSCO PROCURA
FORUM PRINCÍPIOS
NAS LIVRARIAS CONTRA O CONS de Reinaldo Azev

Edição nº **1622** | 29 / 11 / 2005 | **Edições Anteriores**

banespa
Santander Banespa

O céu não é o limite para a tecnologia de ponta Brasileira

A conspiração do conservadorismo

Por Liliana Pinheiro

Ontem mesmo estavam todos brigando no governo por causa da indigência dos resultados econômicos e sociais alcançados em três anos de reinado da dobradinha Lula-Palocci. Hoje, estão todos vendendo a idéia de que o país está a dois passos do paraíso, dados os impactos positivos "fortíssimos", como diria o ministro da Fazenda, que a política econômica causou na vida dos brasileiros.

Não tenho dúvida: o petismo não reencontrou, do dia para a noite, o prumo, a auto-estima e as certezas perdidas sozinho. Não tem competência nem para isso. Apenas pegou uma tábua de salvação que lhe foi lançada de forma ruidosa e inequívoca, diante de todos nós.

Como José Dirceu, também tenho o direito de desconfiar de um conluio das elites e de uma conspiração do que há de mais conservador no país. Não vou virar mito de resistência como ele, que estou sempre na calçada oposta àquela da fama e do poder. Fazer o quê? Jornalistas têm essa mania de procurar a verdade oculta no gesto e na opinião das pessoas influentes, o que não rende muito na carreira, na política, na economia ou na eternamente aparelhada área social. Contudo, é preciso que alguém diga que esse filme já passou no Brasil.

Nos tempos de populismo cambial, em que a paridade do real com o dólar era festejada no país, poucos foram os que levantaram a voz contra o modelo. O governo FHC, naqueles anos tortos, estava errado, como reconhecem hoje muitos tucanos. Mas a elite jamais fez autocrítica. Embarcou, alegremente, no próximo trem da alegria financeiro, aquele em que cabiam metas de inflação inalcançáveis, juros muito altos e ajustes fiscais draconianos. E nesse trem, um dia malanista, essa elite segue feliz, durante os anos de gestão econômica "responsável" do lulo-paloccismo.

Mesmo alguns tucanos, que deveriam ter aprendido com a própria derrota em 2002, resolveram aproveitar o passeio, traçando estranhas estratégias de blindagem do ministro da Fazenda. Querem herdar "a casa em ordem" em 2007. Vejam só que grande estratégia! Pensam eles: nada como uma temporada de ortodoxia econômica para esterilizá-la, para o bem e para o mal. Só que, no caso, as desvantagens superam as vantagens do ponto de vista do interesse popular.

Mesmo do ponto de vista eleitoral há dano evidente: se está todo mundo do mesmo lado, a disputa será de quem contra quem, mesmo? Ah, sim, vão conduzir o debate à questão ética... Outra estratégia, gente! Não é bonito ver tantos bem-pensantes dedicados à arte da guerra?

Esqueceram que o PT se recicla totalmente a cada par de anos, muda convicções em nome do aprendizado da modernidade, transforma derrotas em vitórias, vilões em heróis da resistência, perseguidores em perseguidos, broncos em sábios comunicadores. Já se viu que é capaz de transformar desvio de dinheiro público em pecado venial de caixa dois. E que não titubeia em transformar companheiros de primeira hora em "traidores" na esfera pública — na privada, o tratamento é de primeira,

com proteção, sustento, advogados pagos pelo partido, consolo...

Ninguém vê isso? É evidente que vê. Mas uma força mais alta se alevanta, digamos assim. O sacrossanto modelo econômico, que já matou as exportações brasileiras e caminha para sufocá-las de novo — vejam a cotação do dólar derretendo —, tem de ser salvo. O modelo que enriquece o setor financeiro e solapa o lado real da economia tem de vencer, seja quem for o candidato vitorioso em 2006. Não se iludam, não falo aqui da estéril disputa entre Palocci e Dilma, faces da mesma moeda. Falo do próximo governo, que este já está terminado. É preciso, na cabeça dessa gente esperta, afastar o novo, ainda sem cara, de tentações.

A Pnad do IBGE teria mostrado, afinal, que o país tem rumo, pois tudo melhora a cada ano, de tal sorte que, daqui a dez anos, o índice de Gini — que mede a desigualdade de renda —, a continuar no mesmo ritmo de melhora dos anos 1990 e 2000, chegará à incrível marca de 0,5, da qual não arreda pé nos últimos dez anos, com variações apenas na segunda casa decimal. Em tempo, o índice varia de zero a um; quanto mais baixo, melhor. Em 1995, o índice de Gini era de 0,58. Em 1999 e 2000, era de 0,56. Em 2004, de 0,54.

Diante desses dados que mostram o que em tempos normais se chamaria de estagnação no processo de distribuição de renda, que ressuscitariam a velha metáfora do Brasil como uma baleia encalhada, ou que pelo menos receberiam a pecha de "reação insuficiente" diante da urgência social, o leitor deve se perguntar: por que então tanta festa em torno do assunto? Afinal, nesta semana de pesquisa do IBGE e estudo da Fundação Getulio Vargas, a imprensa, o governo e a academia não pararam de falar sobre os avanços do país.

Eu tenho algumas explicações. Escolham a que parecer mais próxima da realidade:

1) as pessoas tomaram todas a mesma droga, cujo principal efeito é a percepção de que ninguém precisa fazer nada para o país avançar. Isso sim é estar a dois passos do paraíso: acaba a longa era dos desafios; principia a do mercadismo de resultados, na qual somos todos condenados ao sucesso se errarmos, acertarmos ou simplesmente cruzarmos os braços;

2) os autores do Estudo da FGV sobre a redução da miséria exageram na tinta ao usar no resumo do trabalho entregue à imprensa intertítulos como "Robustez", ao tratar das mudanças ocorridas no mundo da indigência social, ou "A Desigualdade Desencalhou", para tratar da distribuição de renda. Jornalista é um ser sensível. Depois de cinco meses de escândalos, ele também está doido por notícia boa. O trabalho acadêmico, reservada a sua qualidade no cruzamento de dados complexos, deixa transbordar um otimismo até incômodo. Descobri, nuns tais cenários prospectivos, que o Brasil pode reviver o cenário do milagre econômico, só que com democracia, se crescer de forma sustentada. Pois é... Se tudo der certo, vai dar certo;

3) Os conservadores — leia-se os que sabem que só têm a perder se alguma coisa mudar — estão voltando a atracar em portos seguros, para voltar ao debate só quando o próximo governo, seja petista, tucano, peemedebista ou pefelista, deixar bem claro que o modelo não mudará. Aí, sim, voltarão quentes ao debate. Mas, daqui a outubro de 2006, ficamos todos combinados, da PUC à FGV, passando pela USP, que o modelo funciona, sim, e a baleia desencalhou.

Fico com a alternativa 3. O governo se agarrou à tábua de salvação lançada pelo conservadorismo. Não foi o primeiro. Não será o último.

[liliana@primeiraleitura.com.br]
Publicado em 29 de novembro de 2005.

HOME : ENTENDA